

Jornal do Brasil

13/7/1987

Suely Aparecida

Viúva limpa privada porque não tem pensão

A viúva do bóia-fria Orlando Corrêa, Suely Aparecida. 23 anos, ganha a vida (e sustenta os filhos de 2,5 e quatro anos) limpando o banheiro público da cidade, por CZ\$ 3 mil 500 mensais, como funcionária da Prefeitura. Dias depois da morte de Orlando, 22 anos, Lucy Montoro, mulher do então governador Franco Montoro, esteve na casa de Suely, pediu-lhe que assinasse uns papéis e prometeu, conta a viúva, uma pensão. Mas, até agora, tudo o que Suely recebe de pensão é meio salário mínimo do Funrural.

A viúva do cortador de cana (trabalho que ela também fatia) gasta CZ\$ 1 mil 200 de aluguel, paga CZ\$ 400 a uma tia para cuidar das crianças, mais condução e alimento. "O dinheiro mal dá para estas coisas", lamenta-se. Um advogado está processando o governo do estado em busca de indenização, mas o processo se arrasta no Fórum de Leme. Suely, que até agora trabalhava varrendo ruas, preferia viver na roça, mas não como cortadora de cana: "É um trabalho desumano. Quando trabalhava nisso, eu chorava todo dia." (V.S.)

(Página 8)